

seis poemas de
Adriano Lobão Aragão

ave eva, 2011
(seleção)

entre folhas a parreira

mas de tua tez aflora
mais que evidente elegia
de fruta e aurora

e uva talvez teus seios
ou tua vulva
que entre folhas a parreira
sementes espalha

e de tuas mãos sobrepostas
como se a si segurasse
suavemente em essência

sendo o próprio pomo
o que emana teu âmago
em colheita inteira

somente em si

breve universo submerso no olhar

breve universo submerso no olhar
como se tragasse o narrador do amanhã
no infinito oceano de um segundo

quando a musa se refaz em alcova escura
transbordada no leito onde derramo
o sêmen que do mar a deusa nasce

no breve universo submerso no segundo
quando afogado no tempo inexato
esvaindo-se em leite sêmen solidão

revelasse a leve brisa da manhã

e quando retorna a si a oferenda

e o que saber de teu anseio entregue ao ventre e ao seio alheio
[quando retorna a si a oferenda que há pouco somente sêmen seria?
e que força haveria em teu sangue que não vê as marcas
[de teu semblante impressas em um outro ser?
e como artífice tenaz empenhas o obstinado ofício de reinventar-se
[em imagem e semelhança na fêmea que emprenhas
e eis novamente em teus braços os traços que em ti afirmam
[a perpétua condição de sementeiro
e como impetuoso autor revisando a própria obra chega até si o desejo e a hora
[de descartar o esboço feito outrora
e eis que teu riso e tua mão se estendem apenas a um dos irmãos
[para que corra o risco e o destino de existir em vão
e que seja a mão que se ergue em fratricídio a mesma que jaz em suplício
[e ambas as duas palmas de tuas mesmas mãos
e o que saber de teu feito quando retorna a si a oferenda
[que reafirma em teu filho teu genitor?

o que há de sensível

o que há de sensível em meu íntimo não se comunica
ou se desdobra em gesto de inexata comunhão
como parte deste rito dividido entre fome e compaixão

ou quando sozinho diante da própria frente principia
outro desconhecido rosto sobreposto e bem mais inteiro
no espelho partido ao peso do corpo em apoio na pia do banheiro

e não sei se serei eu em cada caco laminado ou no sangue em minha mão
ou na face que exponho oposta ao riso que guardo na solidão
que encontro nestas poucas paredes em que me perco

pelo óbvio labirinto pulsa na palma o caminho
que meu íntimo não comunica ao que há de sensível

a queda o voo

o que sei dos anjos se caídos ou suspensos
se terríveis ou afáveis o que nem de mim sei
se farei a devida lembrança do nome dos seus
ou se terei os restos da herança do êxtase
de santa teresa para além de toda delícia
e delito que a linguagem atordoada não sei
se no seio de cada ser ressoa o gozo
suspense no ínfimo instante do voo

os nomes as pedras

deixai aqui nestas pedras o nome e a fábula
daqueles que almejam a revelação
para que o tempo os apague plenamente
em sopro enigma e luz
a mais cega das visões

comei e bebi com satisfação
pelo bem que propiciastes em dias passados
à espera da palavra e seus cavalos
que árdios disparavam
pela imensidão do verso

deixai também este verbo
impresso em talhe na mesma pedra de seus nomes
tu que és tantos e deixas tão pouco
para que o tempo também esqueça entre as pedras
a inútil memória do corpo

Adriano Lobão Aragão nasceu em Teresina, 1977. Fundador da revista literária amálgama. Em 1998, através do Concurso Novos Autores, recebeu o Prêmio Cidade de Teresina pelo livro Uns Poemas, publicado no ano seguinte pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Em 2005 publicou Entrega a Própria Lança na Rude Batalha em que Morra, pela Fundac. Em 2006 foi premiado pela Fundação Cultural do Piauí por seu livro Yone de Safo, publicado pela amálgama em 2007. Em 2009, publicou as cinzas as palavras. Participou das coletâneas Versos Diversos (Passos/MG), Poetas do Brasil 2000 (Porto Alegre/RS) e Estas Flores de Lascivo Arabesco, poemas eróticos piauienses (Teresina/PI). É um dos editores do site litero-cultural dEsEnrEdoS (www.desenredos.com.br).

site www.adrianolobao.com.br blog adrianolobao.blogspot.com